



Na primeira declaração oficial sobre conflito, presidente afirma que a posição neutra é "para não trazer consequências do embate para o país". Ele vê exagero em "massacre"

BOLSONARO DIZ QUE BRASIL ADOTARÁ A NEUTRALIDADE

Maria Inês Pereira e Thais Medeiros

No primeiro pronunciamento sobre a guerra na Ucrânia desde quinta-feira, o presidente Jair Bolsonaro (PL) disse que vai adotar uma postura neutra em relação à guerra entre Rússia e Ucrânia, para não "trazer as consequências do embate para o país". A declaração foi dada durante entrevista coletiva, na noite de ontem, no Guarani, litoral de São Paulo, onde o presidente está passando o feriado de carnaval. Bolsonaro deu a entender que teria ligado ontem para o presidente russo Vladimir Putin. Horas depois, nas redes sociais, o Itamaraty afirmou que "não houve telefonema neste domingo".

"Bolsonaro não conversou hoje com Putin. Ao falar mais cedo, e reafirmar a neutralidade, o presidente se referia às duas horas de conversa ao vivo, na visita à Misericórdia", informou o Itamaraty. Ao ser questionado a respeito da conversa que teve com Putin, quando foi à Rússia, no início da manhã, Bolsonaro afirmou que não poderia dar detalhes, mas garantiu que foi um encontro descontraído e que durou mais de duas horas. O presidente teceu comentários elogiosos a Putin. "Todas as vezes que conversei com o Putin foi uma conversa de altíssimo nível".

Embora Bolsonaro tenha dito que vai adotar uma postura de neutralidade, ele ameaçou se não houver interesse por parte do líder russo de praticar um massacre. Ele está se empenhando em duas regiões do Sul da Ucrânia que, em referendo, mais de 90% da população quis o tornar independente, se aproximando da Rússia. Uma decisão minha poderia trazer sérios prejuízos para o Brasil", disse.

Durante a entrevista, Bolsonaro justificou a decisão do Executivo em optar pela neutralidade diante do conflito por entender que cada país tem suas motivações. "Ninguém quer usar a guerra, ninguém quer usar a pólvora.



Agora, nós devemos entender o que está acontecendo. No meu entender, nós não vamos tomar partido, nós vamos continuar pela neutralidade e ajudar no que for possível em busca da solução"

Jair Bolsonaro, presidente da República

ENQUANTO ISSO... MEDIDAS NA ÁREA ECONÔMICA

O presidente também comentou sobre as propostas para reduzir o preço dos combustíveis e a possibilidade de mais um saque do FGTS para os brasileiros. Sobre essa questão, relembrou que seu governo congelou os impostos federais, e comentou a respeito das propostas discutidas no Congresso Nacional. Além disso, falou brevemente sobre a possibilidade de um novo saque do FGTS. "Existe uma possibilidade, sim, de saques do FGTS. Não posso dar mais detalhes porque não batemos o martelo", afirmou.

Todo mundo prefere usar a salvação, mas você não sabe o que acontece do lado de lá", argumentou. "Um conflito, ainda mais para a área nuclear, o mundo todo vai sofrer com isso. Então isso não interessa pra ninguém, seria um suicídio. Agora, nós devemos entender o que está acontecendo, no meu entender, nós não vamos tomar partido, nós vamos continuar pela neutralidade e ajudar no que for possível

em busca da solução", emendou. No entanto, ao ser questionado se a opção por manter a neutralidade diante do conflito, mesmo diante da minúscia de massacre a civis, tem ligação com o bom relacionamento que o presidente diz ter com Putin, Bolsonaro minimizou a ofensiva militar russa criticando os ucranianos. "Eu acho que o povo confiou nele para traçar o destino de uma nação. Confio a

um comediante e destino de uma nação. Ele deve ter equilíbrio, segundo a população ucraniana, para tratar desse assunto. Tanto é que ele já aceitou conversar", disse Bolsonaro e sua comitiva estão hospedados no Forte dos Andradas, na cidade litorânea paulista. A previsão é que o presidente retorne a Brasília na sexta-feira.

DEFINIÇÃO O posicionamento do presidente põe fim a uma cobrança que vinha sendo feita por outros países ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil. Embora Bolsonaro tenha falado em neutralidade, ontem o Brasil votou favoravelmente à convocação da Assembleia-Geral da ONU para discutir a guerra na Ucrânia, mostrando alinhamento com os Estados Unidos, no momento em que a Rússia foi contra a convocação, enquanto outros dois membros dos Brics, China e Índia, se abstiveram.

Já na sexta-feira, o Brasil não assinou uma declaração da Organi-

zação dos Estados Americanos (OEA) condenando a guerra. Argentina, Bolívia, Nicarágua e Cuba também não assinaram o documento. O Embaixador do Brasil na OEA, Otávio Brandelli, afirmou, em discurso, que o Brasil está preocupado com a guerra na Ucrânia e defendeu uma saída diplomática para a questão. O representante disse que o Conselho de Segurança das Nações Unidas tem legitimidade para debater e apresentar alternativas. Já a OEA, esclareceu, é um organismo regional. "Devemos ter presente que alguns dos propósitos essenciais da nossa organização são precisamente garantir a paz e a segurança continentais, prevenir possíveis causas de dificuldades e assegurar solução pacífica de controvérsias entre seus membros", destacou. Na quinta-feira, Bolsonaro desautorizou o vice-presidente Hamilton Mourão, que condenou a invasão russa à Ucrânia e chegou a sugerir uma ação mais firme em favor da Ucrânia.

Ainda há 100 brasileiros na Ucrânia

ROSANA HESSEL

O Ministério das Relações Exteriores informou ontem "que cerca de 80 brasileiros lograram sair da Ucrânia e ir para países fronteiriços, sobretudo Polônia e Romênia, com o apoio da embaixada do Brasil em Kiev". Ainda constam cerca de 100 brasileiros, registrados na lista da embaixada brasileira em Kiev, que permanecem em solo ucraniano. A comunidade brasileira na Ucrânia, antes do conflito, era estimada em aproximadamente 500 pessoas", acrescentou a chancelaria.

Em meio ao aumento dos tensionamentos no Leste Europeu após a invasão da Ucrânia pela Rússia, no sábado, o presidente Jair Bolsonaro (PL) finalmente decidiu ajudar os brasileiros que tentam sair da linha de fogo russo. A pasta informou que, com base no Plano de Contingência atualizado em janeiro deste ano, a embaixada do Brasil em Kiev "está prestando assistência consular a todos os nacionais brasileiros que ainda estejam no país" e prevê a possibilidade de resgate quando as condições o permitirem.

"Nos primeiros dias, ante a falta de condições de segurança, estamos implementando a evacuação segura e ordenada", informou a assessoria do Palácio do Itamaraty, que mais cedo informou que enviou oito funcionários para Vasóvia para dar assistência aos brasileiros.

BUSCAS A assessoria do Itamaraty informou ainda que o GT - Brasileiros na Ucrânia e a embaixada em Kiev "seguem buscando localizar e contatar brasileiros ainda na Ucrânia, com o apoio da embaixada em Vasóvia, com vistas a verificar a situação pessoal de todos, condições de segurança nos locais onde estão abrigados e possibilidade de eventual evacuação". Já funcionários da embaixada brasileira em Chernivtsi, perto da fronteira ucraniana com a Romênia. Diplomata da embaixada do Brasil na Romênia também se deslocou para a fronteira para auxiliar o traslado, em ônibus providenciado pela embaixada, de brasileiros para a capital Bucareste", acrescentou a assessoria do Itamaraty.

Segundo a pasta, a embaixada também está abarcando posto avançado na fronteira com Moldóvia (canalinho entre Kiev e Romênia) para reconectar os brasileiros que porventura cheguem de forma avulsos aquela região fronteiriça. "Do lado polonês, a embaixada em Vasóvia está em contato direto com nacionais que se encontram nas cercanias de Lviv. Já estão naquela área ônibus providenciados pela embaixada brasileira para traslado à capital. Ademais, representantes do governo brasileiro se encontram na fronteira em contato regular com autoridades polonesas", acrescentou. De acordo com a chancelaria, o governo brasileiro aguarda manifestação dos interessados no sentido de retornarem ao Brasil, "onde foram colocadas à disposição duas aeronaves da Força Aérea Brasileira (FAB)".

Líderes condenam as ameaças

Líderes mundiais reagiram à escalada de ameaças da Rússia. O primeiro-ministro britânico, Boris Johnson, afirmou ontem que o anúncio do presidente russo, Vladimir Putin, de que colocaria sua força nuclear em alerta visa desviar a atenção da forte resistência que suas tropas enfrentam na Ucrânia. "Acho que é uma distração do que realmente ocorre na Ucrânia", disse o líder britânico, após uma reunião com membros da comunidade ucraniana, em Londres. "É um povo inocente, que enfrenta uma agressão não provocada. O que acontece de verdade é que estão se defendendo com mais eficácia, com mais resistência", acrescentou Johnson.

A Rússia assinou em janeiro, com os outros quatro membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, um documento no qual reconheceu que

"uma guerra nuclear não poderia ser vencida" e insistiu em que, "enquanto existirem, essas armas devem servir para fins defensivos, dissuasivos e de prevenção da guerra".

Já o primeiro-ministro da Alemanha, Olaf Scholz, avaliou ontem que o mundo entrou em "uma nova era" após a invasão russa da Ucrânia. A declaração foi dada ontem, durante uma reunião extraordinária no Bundestag, a Câmara Baixa do Parlamento alemão. "Com a invasão da Ucrânia, entramos em uma nova era", afirmou ele. Na Ucrânia, "as pessoas não defendem apenas sua pátria. Lutam pela liberdade e por sua democracia. Por valores que compartilhamos com eles", acrescentou.

No mesmo discurso, Scholz disse que os ocidentais poderão impor "novas sanções" contra a Rússia e anunciou que aumen-



O primeiro-ministro Boris Johnson se encontrou ontem com ucranianos em catedral, em Londres

tará os gastos militares da Alemanha para "mais de 2% de seu Produto Interno Bruto (PIB) por ano. A partir de agora, ano após ano, vamos investir mais de 2% do nosso Produto Interno

Bruto em nossa defesa", afirmou o chanceler alemão. Ontem, os Estados Unidos pediram aos seus cidadãos na Rússia que considerem deixar aquele país imediatamente.



Líder russo coloca forças de dissuasão do Exército em alerta. Presidência ucraniana diz que aceita se reunir com invasores. ONU convoca Assembleia Geral para discutir conflito

PUTIN FAZ AMEAÇA NUCLEAR. UCRÂNIA FALA EM NEGOCIAR

O presidente russo, Vladimir Putin, anunciou ontem que colocará em alerta a "força de dissuasão" do Exército russo, que pode incluir um componente nuclear, no quarto dia da invasão da Ucrânia por Moscou. "Ordem ao ministro da Defesa e ao chefe do Estado-Maior que coloquem as forças de dissuasão do Exército russo em alerta especial de combate", disse Putin em uma reunião com os líderes militares russos. O ministro da Defesa, Sergei Shoigu, respondeu: "Afirmativo". As tensões internacionais já aumentaram com a invasão da Ucrânia pela Rússia e a ordem de Putin pode causar ainda mais alarme.

Moscou tem o segundo maior arsenal de armas nucleares do mundo e um enorme arsenal de mísseis balísticos que formam a espinha dorsal das forças de dissuasão do país. "Eles veem que os países ocidentais não são apenas hostis ao nosso país no campo econômico, quero dizer as sanções ilegítimas", acrescentou, em um discurso televisado. "Oficiais seniores dos principais países da Otan também permitem declarações agressivas contra nosso país", disse ele.

Com o avanço das tropas russas e a ameaça de Putin, a Presidência da Ucrânia informou, ontem que concordou em conversar com a Rússia e que as discussões ocorrerão na fronteira com Belarus, perto da zona de exclusão de Chernobyl. Essa decisão foi tomada após a mediação do presidente bielorrusso, Alexander Lukashenko. "A delegação ucraniana se reunirá com a (delegação) russa sem estabelecer condições prévias na fronteira ucraniano-bielorrussa, na região do Rio Pripyat", declarou a Presidência em um comunicado.

A Ucrânia quer "tentar" negociar com a Rússia, ainda que sem muita convicção de que as negociações marcadas possam pôr fim à invasão russa, disse o presidente ucraniano, Volodymyr Zelenskyy. "Digo as coisas claramente, como sempre: não acho que vá dar resultado", mas "temos que tentar", disse Zelenskyy em um vídeo, antes das conversas



Homem caminha próximo à região atingida por míssil disparado pelas forças russas na região de Kiev, capital ucraniana

agendadas entre Rússia e Ucrânia na fronteira com Belarus.

O governo ucraniano afirmou que Lukashenko garantiu a Zelenskyy que "todos os aviões, helicópteros e mísseis estacionados em território bielorrusso permanecerão em terra durante a viagem, as negociações e o retorno da delegação ucraniana", segundo o presidente Vladimir Putin, uma delegação russa está na cidade bielorrussa de Gomel. Moscou queria que as negociações ocorressem em Belarus, um de seus aliados. Recusando-se a viajar para Minsk, Zelenskyy relatou que seu governo ofereceu "Varsóvia, Bratislava, Budapeste, Istambul e Baku" como opções para a Rússia.

Em reação à ameaça de Putin, o ministro das Relações Exteriores da Ucrânia disse que Kiev não vai ceder nas negociações com a Rússia, acusando o líder russo de tentar aumentar a "pressão". "Não vamos nos render, não vamos capitular, não vamos desistir de um único centímetro de nosso território", declarou Dmytro Kuleba em uma coletiva de imprensa trans-

mitida on-line. Os Estados Unidos, por sua vez, afirmaram que Putin está "fabricando ameaças". "Este é um padrão do presidente Putin que temos visto ao longo deste conflito, que está fabricando ameaças que não existem para justificar novas agressões", disse a secretária de imprensa da Casa Branca, Jen Psaki, ao canal ABC.

PRESSÃO A União Europeia (UE) anunciou ontem um aumento da pressão sobre a Rússia por sua ofensiva contra a Ucrânia, com medidas que incluem o financiamento da compra e entrega de armas e equipamentos às forças ucranianas. A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, anunciou: "Estamos proibindo de todas as aeronaves de propriedade russa, registradas ou controladas pela Rússia". "Nosso espaço aéreo estará fechado para todos os aviões russos, incluindo os jatos particulares dos oligarcas", disse Ursula, ressaltando hoje que, "pela primeira vez, a

UE vai financiar a compra e entrega de armas e equipamentos ao país atacado".

O chefe da diplomacia da UE, Josep Borrell, disse que a reunião de chanceleres convocada em caráter de urgência para ontem discutiu o uso de linhas de financiamento "para fornecer às forças ucranianas armas letais, combustível, equipamentos de proteção e dispositivos médicos". Entre as medidas anunciadas nesse domingo, Ursula von der Leyen mencionou a desarticulação da "máquina de imprensa do Kremlin" na UE, com a proibição de funcionamento das redes RT (Russia Today) e Sputnik. A UE também anunciou que adotará sanções contra o governo bielorrusso, por ter permitido que seu país fosse usado como plataforma de lançamento da ofensiva russa contra a Ucrânia. O governo bielorrusso de Alexander Lukashenko "é cúmplice no ataque à Ucrânia", acusou Ursula.

EMERGÊNCIA O Conselho de Segurança da ONU aprovou ontem,

a pedido de países ocidentais, uma resolução para convocar hoje, "em sessão extraordinária de emergência", a Assembleia Geral da ONU, a fim de que seus 193 membros se pronunciem sobre a invasão à Ucrânia. A resolução, promovida pelos Estados Unidos e pela Albânia, foi aprovada por 11 países, incluindo o Brasil, com o voto contrário da Rússia e a abstenção de China, Índia e Emirados Árabes. O regulamento da ONU não contempla o direito ao veto para recorrer a essa instância. Com base em um procedimento estabelecido em 1950 e intitulado "A União pela Paz", esse recurso, que representa um revés para a Rússia no cenário diplomático internacional, não pode ser vetado por nenhum dos cinco países-membros do Conselho de Segurança.

Exército da Rússia cerca Kiev

Quarto dia de conflito, o domingo começou com avanços russos sobre a Ucrânia. Depois de uma nova madrugada de explosões, as autoridades ucranianas confirmaram que as tropas russas conseguiram entrar na segunda maior cidade do país, Kharkiv. Na capital, Kiev, o responsável pela administração local, Oleg Sinegubov, pediu aos civis para permanecerem em casa. O principal hotel que abriga jornalistas foi fechado e as equipes impedidas de sair, segundo a CNN Internacional. Kiev estava cercada e imagens de satélite mostravam comboios militares da Rússia em direção à capital ucraniana.

O Exército russo admitiu pela primeira vez ontem que registrou perdas humanas durante sua invasão da Ucrânia, embora sem especificar números. "Os soldados russos estão demonstrando coragem no cumprimento de suas missões de combate (...). Infelizmente, há mortos e feridos. Mas nossas perdas são muito menores" do que no campo ucraniano, disse o porta-voz do Ministério da Defesa, Igor Konashenkov. O presidente russo, Vladimir Putin, lançou a invasão à Ucrânia na manhã da quinta-feira.

Konashenkov observou que os militares russos permitirão que os prisioneiros de guerra ucranianos "que se renderem" retornem às suas famílias. Os combates na Ucrânia causaram dezenas de mortes de civis, bem como o deslocamento de centenas de milhares de pessoas. Em entrevista ontem, Vitali Klitschko, prefeito de Kiev, disse que a cidade está cercada pelo Exército russo. Por esse motivo, uma possível evacuação de civis da capital ucraniana seria impossível.

Nas palavras de Klitschko, a cidade está "à beira de uma catástrofe humanitária". Ele explicou que, no momento, a capital conta com eletricidade, água e aquecimento em suas casas, mas a infraestrutura para a entrega de alimentos e medicamentos está destruída. Apesar da resistência à invasão russa por parte da população, o prefeito de Kiev admitiu que os ânimos podem se arrefecer à medida que faltarem remédios e comida nos supermercados. Vitali Klitschko confirmou que até agora nove civis foram mortos em Kiev, entre eles uma criança. A cidade segue com o toque de recolher à noite para que os sabotadores russos sejam identificados.

A ofensiva militar iniciada pela Rússia na Ucrânia provoca o deslocamento de "mais de sete milhões" de pessoas, disse ontem o comissário europeu para gestão de crises, o esloveno Janyz Lenarcic. "Atualmente, a estimativa do número de ucranianos deslocados é de mais de 7 milhões de pessoas", afirmou Lenarcic em coletiva de imprensa. "Estamos testemunhando o que pode se tornar a maior crise humanitária no continente europeu em muitos anos", acrescentou.



País poderá disputar eliminatórias, mas com outro nome, sem bandeira e sem hino

Fifa pune a Seleção Russa

A Federação Internacional de Futebol (Fifa) impôs ontem à Seleção Russa que dispute jogos em que tem mando de campo fora de seu território, em consequência da invasão da Ucrânia pelo Exército russo. A entidade máxima do futebol mundial também proibiu a execução do hino e a bandeira em todas as suas competições, além de se reservar o direito "a sanções adicionais, incluindo uma possível exclusão das competições", medida reivindicada horas antes pela Federação Francesa de Futebol (FFF).

Já a Federação Inglesa de Futebol (FA) não permitirá que nenhu-

ma de suas seleções em qualquer nível enfrente a Rússia, em resposta à invasão da Ucrânia pelo Exército russo. A FA justificou essa medida "em solidariedade à Ucrânia e para condenar sem reservas as atrocidades cometidas pelos dirigentes russos", segundo comunicado. As medidas são semelhantes ao pedido que o Comitê Olímpico Internacional (COI) fez a federações nacionais.

Em comunicado, a Fifa afirma que "gostaria de reiterar sua condenação ao uso da força pela Rússia na invasão da Ucrânia. A violência nunca é uma solução e a Fifa expressa sua mais profunda solidariedade a todas as pessoas afetadas pelo que está acontecendo na Ucrânia". Em relação às próximas eliminatórias da Copa do Mundo da Fifa 2022, a Fifa tomou nota das posições expressas nas mídias sociais pela Federação Polonesa de Futebol, a Associação de Futebol da República Tcheca e a Federação Sueca de Futebol e já dialogou com todos os essas associações de futebol. A Fifa perma-

necerá em contato próximo para buscar soluções adequadas e aceitáveis em conjunto."

O presidente da Federação Polonesa de Futebol criticou as medidas anunciadas pela Fifa e disse considerá-las "totalmente inaceitáveis". "Não estamos interessados em participar desse jogo de aparências. Nossa postura permanece a mesma: a Seleção Polonesa NÃO JOGARÁ com a Rússia", escreveu no Twitter.

JOGADORES Mesmo entre os atletas da Seleção Russa há críticas. O atacante Fedor Smolov, do Dinamo de Moscou, manifestou-se contra a invasão da Ucrânia pelas tropas da Rússia, no dia da ofensiva russa. Jogador da Seleção Russa na Copa do Mundo 2018, ele é o primeiro atleta de expressão do país a externar uma posição crítica ao ataque. Em suas redes sociais, Smolov postou uma imagem toda preta, com o texto "Não há guerra", em russo, acompanhada de um coração partido e uma bandeira da Ucrânia.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Política/Internacional **Página:** 3 e 4